

IDENTIDADE INFANTIL E MÍDIA

MÜZEL, Andrei Alberto

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

Professor Mestrando (UNISO)

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade refletir a construção da identidade cultural da infância numa dinâmica de relação com a Mídia. Pensar a construção da Identidade Infantil na atualidade é um processo que exige a adoção de posturas analíticas por parte de quem atua com crianças, nesse âmbito, apresentamos a construção de identidade enquanto fusão entre educação social imbricada à educação formal. Na fusão entre educação social e formal é que encontramos, numa dimensão contemporânea, a Identidade Infantil, desencadeada pela cultura da infância considerando a criança como sujeito social. Assim, promovemos nessa pesquisa um diálogo sobre o conceito de Identidade cultural a partir de estudos de Hall (2006), fundamento que apresenta uma organização social e histórica em concepções capazes de nortear o pensamento sobre a condição identitária. Fundamentados nessas especificações dialogamos sobre as questões que geram Infância e a Cultura no espaço escola trazendo à tona seus significados sociais (Kramer, 2004). Para isso, adotamos o conceito "Cultura Lúdica" apresentado por Souza e Salgado (2004) como espaço social no qual as crianças reconstróem suas culturas a partir do desencadeamento de signos e diálogos apresentados pela Mídia.

Palavras-Chave: Identidade, Infância, Sujeito Social, Cultura Lúdica, Mídia.

ABSTRACT

The present study aims to reflect the cultural identity construction of childhood in a dynamic relationship with the media. Thinking Child Identity construction in actuality is a process that requires the use of analytical postures on the part of those working with children, in this context, we present the construction of identity as a fusion of social education to formal education imbricated. The merger between formal education and social that is found in a contemporary dimension, the children's Identity, childhood culture unleashed by considering the child as a social subject. Thus, in this research we promote a dialogue on the concept of cultural identity from studies of Hall (2006), the foundation that presents a social and historical conceptions able to guide the thinking about the condition of identity. Based on these specifications we dialogue about the issues that generate Childhood and School Culture in space bringing up their social meanings (Kramer, 2004). For this, we adopt the concept of "Playful Culture" presented by Souza and Salgado (2004) as a social space in which children rebuild their crops from the onset of signs and dialogues presented by the media.

Keywords: Identity, Childhood, Social Subject, Playful Culture, Media.

1. INTRODUÇÃO

Como vemos as crianças? Exercer essa análise implica em elencar características de uma determinada faixa etária, reveladoras de atividades que concebem a criança como sujeita, produtor de cultura que exerce assim sua função social. Talvez resida neste pensamento a concretude da criança como sujeito social e histórico, ou seja, no ato de assumir uma função.

A função social da criança, o brincar, o inventar e o reinventar, é o principal campo dinamizador da cultura produzida por esse indivíduo, capaz de conceituar a Identidade Infantil no ato de estabelecer relações. Conceituamos em primeira instância a Identidade Infantil entendendo a criança como um sujeito sociológico, ou seja, com uma identidade formada na interação entre o eu e a sociedade, o que determinamos a partir de estudos de Hall (2006, p. 11).

A Identidade Infantil aqui pautada não tem como pretensão trazer para esse estudo a história da infância. Porém, um determinado conceito de infância deve ser adotado observando que as reflexões acerca da Identidade Infantil só obterão sustento diante do tratamento dado às concepções que incluem a criança na sociedade. Para tanto,

Entendemos que o conceito de Infância se encontra no centro da concepção de história de Benjamin, que a criança é sujeito da linguagem e da cultura e que cognição, ética e estética são alicerces para a compreensão das interações de crianças e adultos na cultura contemporânea (KRAMER, 2004, p. 163).

Ao considerarmos a Infância como uma fase vital composta por sujeito munido de linguagens muito próprias, produtora de cultura, sustentada em variadas experiências de relações fortalecemos uma categoria humana.

A infância que analisamos nesse trabalho trata-se da educação formal, atualmente oferecida às crianças de 0 a 5 anos pontuando a fusão existente com a educação social. Por educação formal nos detemos ao espaço escola, espaço que tem como finalidade promover saberes de modo sistematizado, ou seja, formatado num processo curricular. Quanto a educação social pautamos a atuação da criança em diferentes espaços que também promovem situações de informação, formação, aprendizado, relações, mas que se fazem na dinâmica relacional, longe de qualquer sistematização. Entrecruzar essas dimensões, inicialmente, é um exercício evidente, mas, revelar o aprofundamento dessas relações sempre será um desafio.

A Infância tem se constituído atualmente, de modo significativo nas escolas. Na história da entrada das crianças em Instituições Educacionais é que encontramos grande parte das explicações da Identidade Infantil. As Instituições de Educação de Infantil tem a partir do documento Referencial Nacional para a Educação Infantil

(RCNEI, MEC, 1998) orientações para o trabalho que conduzirá o desenvolvimento da Identidade da criança e a composição de sua cultura.

Por sua vez, a educação formal tem consciência do que significa atuar na construção de Identidades? A educação formal sabe que as crianças são produtoras de culturas? Qual o conceito de cultura tem fundamentado ações formais na construção do sujeito?

Norteados por essas questões, de modo ousado começamos a afirmar que a Identidade Infantil e a Infância se concebem juntas. Preocupar-se com a cultura na Infância, da Infância e para a Infância seria um ponto de partida para analisar se a criança de fato é acolhida como um sujeito de direito e de possibilidades sendo aí instaurado um momento denso e importante no processo da construção da Identidade.

2.A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NA INFÂNCIA

A Infância aqui tratada na qual analisamos a construção da Identidade Infantil está pautada no ambiente escolar como ambiente gerador de cultura uma vez que essas se imbricam em suas ações gerando-se assim numa relação íntima (FORQUIM, 2003, p. 10). O discurso aqui reforçado nos leva a afirmar que a criança é produtora de cultura, para tanto, é preciso que se assumam análises, pesquisas capazes de delinear como essa cultura é construída.

Queremos considerar o conceito de Identidade como a concepção do ser humano por meio de ações, características, valores e costumes que sustentam sua existência na sociedade. A Identidade, nesse sentido, é processual. Ela se constrói e se reconstrói por toda a vida, o que fazemos nesse momento é uma análise dos elementos socioculturais que são oferecidos atualmente às crianças.

Dizer que a identidade deixou de existir ou que a mesma não é mais construída de forma sólida é desconsiderar que o ser humano é inacabado. A potencialização da identidade existe em exercícios de busca para avanços de ordem culturais, capazes de conceber uma sociedade que responda por ela. Para tanto, consideremos o conceito de cultura apresentado por FORQUIM:

(...) a cultura considerada como o conjunto das disposições e das qualidades características dos espírito “cultivado”, isto é, a posse de

um amplo leque de conhecimento e de competências cognitivas gerais, uma capacidade de avaliação inteligente e de julgamento pessoal em matéria intelectual e artística, um senso da “profundidade temporal” das realizações humanas e do poder de escapar do mero presente (FORQUIM, 1993, p. 16).

A identidade se faz com os bens culturais que são gerados e geradores dos seus próprios sujeitos. Desacreditar que a identidade deixou de existir talvez seja um pensamento desesperado diante de previsíveis transformações sociais que a todo o momento desestruturam o ser humano que foi de modo tradicional formatado.

A identidade cultural está em crise é o que afirma Hall ao citar modificações sociais elencadas em etnia, gênero, valores (2006, p. 9). Questionar tal afirmação diante do contexto analisado, o da infância, é imprescindível. De fato a Identidade cultural está em crise? Evitemos precipitações nas respostas, mas nos aprofundemos diante de outras reflexões. O fato de a reorganização social acontecer por meio de quebras de paradigmas e tradições é fator de crise?

Consideremos as concepções de Identidade apresentadas por Hall: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno (HALL, 2006, p. 10). É possível classificar a Identidade Infantil em algumas das concepções de Identidade apresentada por Hall? O sujeito sociológico não seria talvez uma possibilidade para isso já que estamos falando de identidade infantil salientando a concepção de infância a um espaço de relações?

A escola é um espaço de interações. A criança pode ser considerada como um sujeito sociológico nas concepções de Hall (2006). Estudos voltados ao desenvolvimento infantil em seus diversos aspectos sociais, físico, intelectual, afetivo, entre outros, tem como linha definida a interação. Nas relações de trocas, de pertencimentos, do eu que avança para se reconhecer como parte de um todo, o diálogo no âmbito infantil torna a criança emancipada, autônoma, praticando suas ações, construindo assim sua cultura e conseqüentemente construindo sua identidade.

Desta forma, a Identidade cultural infantil não está presente na pós-modernidade? Hall (2006, p. 12) explica que a identidade cultural provisória que se altera numa velocidade rápida é encontrada numa dimensão temporal, do pós-modernismo e isso traz também problemas. A escola por sua vez tem como função sustentar valores sociais a partir de objetos de estudos. Saberes, conteúdos e diretrizes voltadas às crianças pequenas são - ou pelo menos deveriam - ser

elencados a partir de tudo o que é significativo e próprio da realidade desta tenra idade. É na sua função social em articulação dos saberes promovidos às crianças que essas têm a oportunidade de construir sua cultura de avançar do espaço escola e dialogar com a sociedade, reorganizando padrões de identidade. Nesse sentido, qual o problema em mudar os padrões de identidade? Existe de fato a mudança? Resistir? Com que finalidade?

Os questionamentos nos propõem ousadia. É possível afirmar que as crianças são sujeitos sociológicos potencializando nesse sentido a Identidade cultural na infância. Contudo, é impossível negar que essa construção é atualmente variável, ou seja, não é unificado, termo proposto por Hall (2006, p. 13). Negar o sujeito sociológico? Contraditório. Afirmar a construção cultural da infância na pós-modernidade? Impossível, principalmente nos aspectos de relevância sobre o que as crianças aprendem a partir de suas especificidades e realidades. Aqui reside a ousadia, encontrar a construção da Identidade cultural da Infância na contemporaneidade. Para colaborar com tal localização da identidade cultural na infância buscamos nos fundamentar em Kramer (2004, p. 170) quando nos apresenta eixos que orientam nossa maneira de ver a criança.

Com base em Kramer (2004, p. 170), focalizaremos quatro direções que nos permitem a reflexão sobre a peculiaridade da Infância e sua construção identitária cultural: a) A identidade cultural da criança reside em sua principal função: o brincar. Ação munida de singularidades, salientando que o conceito de infância é dado numa dimensão histórica e social esclarecemos que o ato de brincar nem sempre existiu na fase da vida aqui tratada. O brincar é ação cultural carregada de símbolos por meio dos brinquedos, canções, jogos. A cultural infantil possui peculiaridades, e por redundante que parece tal pensamento, somos provocados à consciência ao percebermos que a escola deve oferecer condições para que a criança produza cultura e para que as propostas curriculares garantam tempos e espaços para as criações; b) A construção Cultural na Infância para a construção de sua identidade obviamente nos leva a afirmar que a criança é produtora de história. Esse é um argumento esclarecedor sobre as possibilidades de experiências culturais que as crianças se deparam acerca do tempo e como colecionadoras criam seus repertórios de significados os quais podemos considerar como evidências de sua atuação na sociedade; c) A criança assume postura crítica diante da tradição estabelecendo relações que criam novos sentidos. Como a criança aprecia o cinema, a TV, as

músicas, as figurinhas, as revistas? Analisar o olhar das crianças é considerar que a reconstrução cultural surge também de análises infantis e só se concebem a partir de participações ativas das crianças que muitas vezes são vistas de modo diferentes dos adultos; d) A criança está em uma classe social. Os valores preservados em um grupo potencializam especificidades, características e singulares. Nesse sentido, duas vias são pertinentes e decisivas na construção da Identidade cultural da infância: as interações que podem ser estabelecidas a partir das singularidades do grupo bem como a arbitrariedade oriunda da necessidade do próprio grupo como, por exemplo, a necessidade do trabalho infantil. Daí a flexibilidade no conceito de Infância.

Esse é o princípio de uma complexa reflexão sobre a construção da Identidade Cultural na Infância. Porém, diante dos pontos já evidenciados podemos afirmar que a construção da Identidade cultural infantil é um conceito buscado para revelar que nem sempre a Infância existiu. Poderíamos falar simplesmente em Identidade Infantil, mas é impossível deslocar a palavra cultura uma vez que a história da própria Infância tem autonomia e características próprias e suficientes para nos chamar à concepção da ação cultural de determinada sociedade.

3.CULTURA LÚDICA: A MÍDIA NA INFÂNCIA

Aprofundando-nos na questão da Identidade Infantil e Mídia adotaremos aqui dois conceitos. O primeiro conceito adotado é o de Cultura Lúdica, apontado por Souza e Salgado (2004, p. 207) o qual nos explica as ações da brincar reconstruído a partir de influências apresentados pela Mídia. Neste sentido, o segundo conceito adotado é o de Mídia como Tecnologia da Comunicação apresentado por Carlsson e Feilitzen (2002, p. 17).

A fusão dos presentes conceitos - Cultura Lúdica e Mídia - desencadeia a certeza da criança como reconstrutora de Infância numa dinâmica ativa. A tomada dessa consciência principalmente por parte de quem atua com criança urge fazendo-nos crer que todas as relações entre adultos e crianças passam ou passarão por significações da sociedade contemporânea. Em Carlsson e Feilitzen encontramos que,

De acordo com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança — cuja vigência completou dez anos em 1999 — a criança deve ter

acesso a informações e materiais de várias fontes nacionais e internacionais, especialmente àquelas que objetivam a promoção de seu bem-estar social, espiritual e moral (do artigo 17); a criança deve ter direito à liberdade de expressão (do artigo 13); e a criança tem o direito de expressar sua opinião com relação a todos os assuntos que a afetam (do artigo 12). Ainda mais hoje em dia — quando a mídia/telecomunicações representa/am uma área com crescimento recorde nas duas últimas décadas — a explosão da mídia significou uma verdadeira globalização. Além disso, como a mídia é, em muitos aspectos, pré-requisito para o funcionamento da sociedade atual, nem sempre é possível diferenciar mídia de sociedade. (CARLSSON e FEILITZEN, 2002, p. 19)

O acesso às informações e materiais variados, de comunicação social, de intervenções sociais de impacto são realidades que não separam a sociedade entre adultos e crianças. Direitos como expressão e participação são garantidos às crianças. O que encontramos hoje é uma gama de pensamentos que fortalecem a ideia de anular a presença da mídia na vida das crianças, entendendo-a como uma via de influência que tem alterado de modo insatisfatório o comportamento infantil.

Ao afirmar a construção da Identidade como processo sabemos que ela se dá por toda vida, portanto, muito dessa construção se dá na infância. A infância atualmente é constituída de costumes, valores, hábitos, mas também de práticas sociais de avanços tecnológicos e econômicos onde encontramos a mídia.

Abrimos espaços possíveis para criarmos outras imagens da Infância? A pretensão é acessível. A cultura lúdica é aplicável e suficiente para explicar a reorganização social na dimensão infantil. O grande desafio nesse aspecto é reforçar e apontar caminhos possíveis para superar críticas que enxergam a Mídia como uma via que desabona a tradicional educação dada às crianças.

A consideração da Mídia na vida da criança é um pensamento lógico capaz de compreendê-la em seus contextos de educação social e educação formal. Muitos são os indicadores sobre a postura das crianças frente aos meios de comunicação. A maioria das crianças de hoje nas áreas urbanas e cidades com televisão é mais competente para selecionar programas de TV e navegar na Internet do que a maioria dos adultos (Carlsson e Feilitzen, 2002, p. 17). E, apesar da geografia apontada pelos pesquisadores sabemos que os limites midiáticos são cada vez menos existentes.

A infância deve ganhar outros contornos. A Cultura Lúdica como função social e orgânica na vida das crianças devem se reconstruir em contextos diversificados,

ação que favorecerá os aspectos de desenvolvimento infantil garantindo o avanço social, oposição à alienação contemporânea. Dependência e autonomia em relação à cultura global de uma sociedade específica são os movimentos que participam do processo de constituição de uma cultura lúdica (SOUZA & SALGADO, 2004, p. 210). Nesse sentido,

À medida que o lar se torna o lugar-chave para a integração das telecomunicações, televisão, rádio, computador e vídeo, com TV a cabo e por satélite, jogos de computador, Internet e outras mídias interativas, já transformando a vida diária de crianças e jovens, é necessário pesquisar para responder a muitas perguntas e muitas preocupações, originadas de tais mudanças. Alguns serão excluídos dessas oportunidades enquanto outros vivem em um ambiente cada vez mais rico em informações? (CARLSSON e FEILITZEN, 2002, p. 43)

A oportunidade de acesso à Mídia é um fio condutor de políticas públicas. Como desenvolvimento social, tecnológico e econômico o poder público deve se responsabilizar na criação de oferta da tecnologia de comunicação concebendo-a na Educação Formal. A Cultura Lúdica demanda requisitos próprios na exigência de tornar a escola ambiente fiel de desenvolvimento social.

As crianças de 0 a 5 anos brincam na escola. A Cultura Lúdica solidifica-se cotidianamente em relações de troca entre educação formal e social, ainda, deve ficar claro que não estamos falando de duas instâncias distintas, mas imbricadas, uma pertence à outra numa relação de interdependência. Essa relação composta por sujeitos - e nesse caso os sujeitos são crianças - é discutida no espaço escola como espaço privilegiado para fazer intervenções capazes de formar a Identidade Infantil sem desconsiderar a Mídia. Surge aí o grande desafio de eleger saberes que promoverão a infância e que utilizarão as tecnologias de comunicação valorizando as vozes e atuações infantis, a sociedade e sua cultura.

4.ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Considerar a infância na sociedade é um valor que deve ser reconhecido a partir de abordagens sobre a criança em seu entorno e atuação social. Compreender a atuação e relações da criança verificando a representação da criança na sociedade e aprofundamento sobre a ação cultural da infância e construção da

Identidade infantil. É preciso valorizar a produção cultural infantil contribuindo para as expectativas e interesses das crianças.

Neste sentido, no qual a criança está no centro das reflexões sobre identidade e cultura, o que nos parece muitas vezes é que muitos estudos que repensam a sociedade em suas diferentes abordagens históricas muitas vezes excluem a criança e pensam a sociedade apenas como uma organização humana adulta. Considerar o ser humano como um todo, indivíduo de um processo de construção sempre inacabado é um estudo que deve abranger a grandeza das fases de vida do sujeito, enfim, todos fazem parte de uma sociedade independente de sua idade ao cumprir sua função. A função social da criança é garantida na cultura do brincar.

Buscamos aqui pensar a Mídia no espaço escolar, uma ferramenta pedagógica e um saber social com suas vertentes complexas voltadas à uma questão capitalista. A criança como sujeito social e crítico só será formada se não for alienada dos bens socioculturais e falamos aqui da Mídia, a mesma deve deixar de ser muitas vezes só criticada como uma via de influência de alterações drásticas no comportamento infantil. Acreditamos que a criança é produtora de cultura sem desvincular o conceito de infância que se estrutura num determinado tempo e espaço. O tempo que vivemos agora é marcado por tecnologias de comunicação e o espaço no qual as crianças estão cada vez mais presente chama-se escola. É neste espaço que queremos reafirmar a criança como um consumidor da mídia para que construa seus conhecimentos e tenham autonomia para fazer suas escolhas durante essa relação.

Uma educação formal que considera a mídia esclarece o campo da comunicação que sempre esteve presente neste espaço, mas agora nesses tempos de tanto avanço é impossível negá-la. Relacionar os meios de comunicação no processo de ensino é importante para focar um sentido formativo da criança e não como um simples recurso na busca de um determinado fim conteudista. Além disso, é muito importante que a criança esteja ativamente presente na produção de uma mídia interagindo e agregando valores de sua cultura, agindo de fato no mundo contemporâneo com sua identidade.

A infância está desaparecendo diante dos meios eletrônicos? É impossível conceber uma rica Identidade Infantil devido à Mídia? O que é importante lembra que muitos são os discursos que a escola tem uma função diretamente social. Se de fato ela está empenhada em formar sujeitos, pautando-se em conhecimentos

significativos para a criança será impossível olhar para a Mídia como uma rival. A Identidade Infantil e Mídia fundem-se como resultado de sujeitos que são logicamente ouvidos e valorizados numa sociedade contemporânea, isto é, uma sociedade que prefere intensamente avançar ao consolidar-se em problemáticas julgadas como ameaçadoras, pois a mídia não constrói identidades. Ela é via de informações que sustentam padrões culturais de comportamentos numa velocidade que pode tanto fortalecer características humanas bem como desestabilizar ou romper padrões. Ela viabiliza o contato com referências, ação de intervenção na construção identitária. Ou seja, ela possui uma carga de influência significativa, mas não é a grande responsável e rival na construção de identidades. Que a escola esteja atenta.

5.REFERÊNCIAS

- CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia Von. **A criança e a Mídia. Imagem, Educação, Participação.** UNESCO, São Paulo: Cortez, 1999.
- DELL PRIORI, Mary. **História da infância no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FORQUIM, Jean Claude. **Escola e Cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KRAMER, Sonia. **Crianças e adultos em diferentes contextos. Desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação.** In: SARMENTO, Manoel & GOUVEA, Maria Cristina S. (Org.). **Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- SOUZA, Solange Jobim & SALGADO, Raquel Gonçalves. **A criança na idade mídia. Reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação.** In: SARMENTO, Manoel & GOUVEA, Maria Cristina S. (Org.). **Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.